

REBENTO

Em mais uma passagem de sua deriva, os Galerianos se reúnem para expor seus trabalhos em um diálogo que se abre no encontro, ou confronto, entre as díspares proposições. A diferença, desde a criação do grupo, foi marca fundamental de sua proposta, encontrando, na troca, possível movimento de deslizar pelos ambientes artísticos de modo a explorá-los enquanto cenários movediços; soçobrando-os e fazendo emergir, assim, outras reflexões frente às limitações do poder habitar o mundo da arte: queimar as naus e escapar às galerias, esquivar, mesmo que de dentro delas. O choque é a abertura para o vínculo - choque que culmina, paradoxalmente, na junção pelo rompimento.

Rompimento é então a palavra que circunscreve a mostra. É o ponto de contato entre os trabalhos aqui apresentados, que apontam para o romper tendo em vista a ameaça desse verbo e a dificuldade de acioná-lo. Antonio, Katia, Laura, Marcos e Paula circunscrevem e desestabilizam os frágeis limites a partir do diálogo criado entre os materiais utilizados - objetos aleatórios recolhidos pelos espaços percorridos; taças de vidro; cascas de ovos, ataduras, gesso, agulha e linha; galhos e arames; lâminas de barbear, percevejos, remédios comprimidos e bodys de bebês - e as intervenções neles propostas.

Quem pensa?, Marcos Duarte parece unir, através dos arames e galhos, as diversas consciências, neurônios que impulsionam conexões de modo a criar um grande órgão em articulação. A projeção de sua sombra reflete sua ambiguidade, sua falsa-autonomia, já que, ao mesmo tempo único, é de fragmentos que ele se compõe e se sustenta. As ligações que o formam proporcionam o fluxo de energia que o alimenta, erguendo-o. Esses fragmentos, no entanto, só podem manter-se unidos na constante batalha que é o romper e ligar-se pelas diferenças.

Antonio Tebyriçá, nos deslocamentos pelos espaços urbanos e pela casa, resgata objetos que se encontram à margem, assim como é seu caminho em cima do skate - margeado - e neles imprime figuras anônimas, cruas, com braços largos que parecem ansiar por ultrapassar as fronteiras recortadas por seu novo suporte. Haveria espaço para essas figuras? Ou, ainda, haveria espaço para esses objetos fora de seus lugares comuns? *Em sua ocupação*, ao mesmo tempo que procura resgatá-los da rua, propõe movimentos que apontam para dois lados, mas que acabam em suspenso. O conflito é, talvez, a única saída: o resgate pode também ser aprisionamento, a salvação pode ser captura. Como se inscrever nessa dialética?

Em *As taças e Banquete do casal*, Katia Politzer coloca em tensão não só o vidro que procura (re)modelar, mas parece apontar ainda para um tensionamento do próprio papel da mulher na mesa de jantar, em sua preparação e disposição. Espécie de processo alquímico, as taças apontam para outro ambiente que não o limite do líquido que abriga, mas o transbordamento desse, resultando em arrebatamentos - a mesa de jantar torna-se então mesa de experimento, de laboratório, de feitiçaria. Não mais a mesa de submissão senão o que escapa e ameaça, o que periga a constante transmutação.

Laura Freitas, com cascas de ovos, o orgânico, procura recompor, recuperar, recosturar, reatar a natureza desses elementos. O que fica, contudo, dissolve-se na nova criação e fecundação, reflexo de seu desaparecimento. A plenitude desencadeada por lugares coercitivos: mulher-plena se mulher-mãe. Como costurar o orgânico? Vida que abre, rompe, esquiva. As válvulas de escape tranca/fiam-se em gessos, linhas e agulhas, pois *Quando nascer (ou morrer) não é uma escolha*, só resta a entrega.

A partir dos bodys de bebês, Paula Blower fricciona o lugar mítico e artificial da maternidade, expondo sua vulnerabilidade que irrompe das lâminas, vespas, percevejos e remédios comprimidos que compõem a roupa delicada. A complexificação do desejo ultrapassa as coerções romantizadas de amor parental, e, ao desnudá-lo de sua fantasia, Paula suspende certezas e realizações. *Crianças engolem botões*, engolem o choro, engolem a dor, engolem sonhos, engolem desejos?

O rompimento que liga a mostra seria, então, Rebento: rompimento em busca da vida, dessa matéria breve; matéria orgânica em decomposição. Rebento *como acidente em forno radioativo*, violência inerente a qualquer processo de eclosão. Os Galerianos emergem aqui, rebentam fronteiras, derivam-se aos espaços: percorrem, nascem.

Bruna Freitas
ago/2017